



IDENTIDADE EPISCOPAL CARISMÁTICA DO BRASIL
NOSSO JEITO EPISCOPAL DE SER



PORTUGAL
2024

SUMÁRIO

Introdução.....	5
1. Modulo I – Nossa Igreja.....	6
1.1 Quem Somos.....	6
1.2 Movimento Convergente.....	10
1.3 Visão e Missão:	12
1.4 Em que cremos.....	12
1.5 Conceito Carismático.....	16
2. Modulo II - Fundamentação Doutrinaria.....	17
3. Modulo III- Estrutura Organizacional.....	19
3.1 Governo Episcopal.....	19
3.2 Clérigos e Leigos.....	19
3.3 A admissão, Direitos e Deveres dos Novos Membros.....	23
4. Modulo IV- Nossa Liturgia	25
4.1 Conceito e Significado	25
4.2 A liturgia no culto.....	26
4.3 Culto Eucarístico Dominical - Liturgia Mínima	27
5. Modulo V- Sinais e Símbolos.....	28
Modulo VI - Culto cristão – Características e Elementos do culto	33
6.1 Domingo – Dia do Senhor	34
6.2 Ano Litúrgico.....	35
6.3 Ciclo do natal	36
6.4 Ciclo da páscoa	36
6.5 Tempo comum.....	37
7. Modulo VII - Paramentos do altar e objetos litúrgicos	38
Modulo VIII – Os Sacramentos.....	45
Referências	48

Introdução

Esta obra surge com o objetivo de trazer luz e clareza, aos novos membros da igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB). Aqueles que foram por Cristo chamado para servir ao reino de Deus e fazer parte de sua noiva aqui na terra. Compreendemos que a (IECB) é uma das igrejas protestantes que busca dentre outras legítimas apregoar o evangelho da graça de Deus de acordo com a palavra de Deus. Os recém-chegados a fé e tradição episcopal em Portugal como em qualquer outra parte do mundo podem desfrutar de uma igreja que busca zelar pela herança primeira da igreja Cristã.

A Igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB) é mãe da comunhão episcopal internacional (CEI) e faz parte do movimento de convergência. ¹A IECB não é uma dissidência, mas sim um retorno às raízes do cristianismo. A igreja busca se conectar com os tesouros da tradição cristã em um mundo cada vez mais apático em relação a eles. Ao mesmo tempo, busca responder aos dilemas do homem moderno com sua linguagem.

O Arcebispo Dom Paulo Garcia ² defende que o movimento de convergência é um retorno à fonte de água viva, buscando saciar a sede de um homem que vive em dilemas. É o sopro do Espírito Santo na história da igreja cristã. A IECB não é apenas uma igreja sacramental, evangélica ou carismática. É um movimento que busca integrar essas três tradições bíblicas em suas vidas. O objetivo é retornar a uma vida de plenitude da igreja cristã antes das rupturas, restaurando a igreja apostólica, santa e católica, que vive a plenitude do Reino de Deus.

O movimento de convergência busca o renascimento de uma espiritualidade evangélica, compreendendo a necessidade do homem se converter a Deus por meio de Cristo e viver uma vida de relação com Ele através da Palavra escrita, as Sagradas Escrituras. Também busca uma vida carismática, compreendendo a presença pessoal de Deus em nossas vidas através do Espírito Santo.

Rev. Apolo Távora

¹ As sementes deste movimento de convergência foram plantadas em maio de 1977, quando um grupo de líderes de tradição reformada fez um veemente apelo a todos os evangélicos para que descobrissem suas raízes junto ao Cristianismo histórico. A Conclamação de Chicago, como passou a ser conhecida, foi assinada por pessoas como Peter Gilquist, Thomas Howard, Robert Webber e John Braun.

² Arcebispo primaz da igreja Episcopal Carismática do Brasil
IECB - IGREJA EPISCOPAL CARISMÁTICA DO BRASIL
NOSSO JEITO EPISCOPAL SE ER

1. Modulo I – Nossa Igreja

1.1 Quem Somos

A Igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB) existe para tornar visível o Reino de Deus às nações do mundo; trazer o conhecimento das riquezas da vida litúrgica e sacramental da Igreja Primitiva para os evangélicos e carismáticos, bem como o poder de Pentecostes para os nossos irmãos e irmãs das Igrejas históricas. E, finalmente, prover um lar acolhedor para todos os cristãos que buscam por uma igreja litúrgica-sacramental, evangélica e carismática como alicerce para suas vidas e dons ministeriais.

A IECB defende os ensinamentos históricos e indivisíveis do Cristianismo ortodoxo, conforme ministrado por Jesus Cristo, proclamados pelos apóstolos e defendidos pelos Pais da Igreja, claramente expressos nos Credos Apostólico e Niceno, e exemplificados pela Igreja Católica não dividida, durante o primeiro milênio de sua existência.

Teologicamente, a IECB está em plena comunhão com as Igrejas que professam as doutrinas necessárias da Fé, crê que a graça de Deus é manifesta nos dois Sacramentos ordenados por Cristo: o Batismo e a Eucaristia, e está presente também nos cinco Ritos Sacramentais: Confirmação, Confissão, Matrimônio, Ordens Sacras e Unção dos Enfermos.

Com os seus postulados, a IECB apresenta-se como uma "PONTE" de ligação entre as Tradições Reformadas, o Catolicismo Ocidental e a Ortodoxia Oriental. Não mantém companheirismo com aqueles que negam os pontos essenciais da fé, aqueles que gostariam de remover os marcos antigos, conforme Prov. 22.28. Uma vez que o ecumenismo, na IECB, é centrado em Cristo e no seu Evangelho.

Definitivamente, a IECB não é um CISMA ou um grupo DISSIDENTE de outra denominação. É um trabalho sem igual que Deus dispôs nos corações de clérigos dedicados e fiéis de várias denominações (pentecostais, batistas, anglicanos, luteranos, presbiterianos, carismáticos independentes, wesleyanos, que, por meio de uma reflexão e oração, perceberam a necessidade de se ter um lugar de convergência).

Eles foram impelidos à formação de uma Igreja que não só exercitasse a autoridade apostólica dentro de um vigamento litúrgico, mas que operasse debaixo da inspiração e unção do Espírito Santo.

Razão do nome da IECB

A adoção do nome Igreja Episcopal Carismática do Brasil teve por objetivo evitar qualquer adjetivação que viesse restringir sua catolicidade, isto é, sua universalidade. Embora a sede do seu Patriarcado seja a cidade de Recife em Pernambuco. Acrescentou-se o qualificativo de Carismática, porque é seu propósito que o Espírito Santo a dirija e derrame sobre ela o Seu poder para que possa exercer o testemunho do Evangelho entre todos os homens e países. Louvado seja o nosso Senhor Jesus Cristo. Aleluia!

Características da Igreja Episcopal Carismática do Brasil

É uma Igreja **CATÓLICA** - Isto é, uma Igreja universal. O termo católico significa universal porque sua missão principal é a de lutar pelo estabelecimento do Reino de Deus entre os homens, em todos os lugares e em todos os tempos.

É uma Igreja **REFORMADA** - que se reformou e procura aperfeiçoar-se. Incorporou os princípios bíblicos da Reforma Protestante do Século XVI. Como um corpo vivo busca não dormir em seus louros de vitórias, procura não envelhecer, mas renovar-se continuamente.

É uma Igreja **BÍBLICA** - adora a Deus e entende que a Bíblia é a chave para compreender a revelação divina aos homens, tanto no passado como no presente. Aceita a Bíblia como um livro da Igreja, escrito por homens, sob a inspiração de Deus e que, neste sentido, é único.

É uma Igreja **DEMOCRÁTICA** - onde todos têm direito de expressão, mesmo sendo minoria. A Igreja é a comunhão de todos os membros que fazem parte do Corpo de Cristo.

É uma Igreja para **PESSOAS LIVRES, CONSCIENTES** - Ela não anula a inteligência de seus membros, mas se expressa pela manifestação consciente de todos eles. Não há lugar para fanáticos. Todos levamos em nós a marca da Graça e livremente devemos expressá-la, conformando-nos, porém, com a ordem e a tradição cristãs.

É uma Igreja **QUE SE PREOCUPA** com a vida diária dos seus membros: onde vivem como vivem. Uma preocupação integral com a vida social, política, moral e espiritual dos seus fiéis e das outras pessoas também.

É uma Igreja **LITÚRGICA** - na verdade todas as Igrejas são litúrgicas. A característica episcopal está em que a liturgia é ordenada, organizada. Procura adaptar-se aos locais e épocas onde é atuante.

É uma Igreja que se considera **PARTE DA IGREJA CRISTÃ** e não a única "dona da verdade". Mas, sendo parte da Igreja cristã e sendo inclusiva, procura mostrar como deverá ser a Igreja Cristã do futuro. É uma Igreja ecumênica, pois, a reunião dos que em Cristo são diferentes, está intimamente ligada à sua maneira de ser.

O postulado da tríplice tradição bíblica

Se analisarmos a História da Igreja desde o seu início, podemos observar que três correntes ou formas distintas de viver a fé cristã têm estado presentes. No entanto, nos últimos séculos, uma ou outra dessas correntes tem sido exaltada em detrimento das outras. Essas correntes são a Evangélica, a Litúrgico-sacramental e a Carismática.

Na Igreja Episcopal Carismática, essas três correntes são como afluentes que correm para o grande Oceano da Fé e são vividas de forma equilibrada.

Uma igreja Evangélica

Desde sempre, a Igreja defendeu a necessidade de cada pessoa, na comunidade eclesial, crer individualmente em Jesus Cristo como Senhor e Salvador, como o primeiro passo para a salvação. A Igreja também sempre teve alta estima e reverência pela Palavra escrita de Deus para o Seu povo, a Bíblia Sagrada. Nela está enunciado o Evangelho, as Boas Novas de Cristo à humanidade, e é considerada o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.

A Igreja Episcopal Carismática do Brasil não compartilha dos excessos e erros cometidos durante a chamada Reforma, mas valoriza o zelo com que os reformadores reabilitaram, exaltaram e dignificaram a Bíblia.

Em tempos modernos o termo "evangélico" está saturado e tornou-se até um status sê-lo. No entanto ser evangélico no sentido bíblico não tem haver com uma nomenclatura eclesiástica ou fazer parte de nenhum movimento de ruptura teológica e sim crer e praticar o evangelho conforme ensinado por Jesus Cristo.

Uma igreja Sacramental

A liturgia significa "a obra do povo" ou "obra pública em favor do povo". No contexto cristão, entende-se como a ação redentora de Cristo continuada na Igreja e é vista como o exercício do culto a Deus em resposta aos dons maravilhosos que Ele nos deu, dá e dará, especialmente o dom maravilhoso de Jesus Cristo à humanidade. O Povo de Deus sempre foi litúrgico e usou fórmulas e ritos para expressar a sua fé em Iahweh. Na Bíblia, encontramos orações, cânticos e rituais destinados a serem repetidos em determinadas ocasiões e de acordo com regras minuciosas.

Jesus Cristo não veio abolir a Lei mosaica, mas sim cumpri-la. Ele também não aboliu as manifestações litúrgicas, pois Ele próprio e Seus Apóstolos, após a Sua ascensão, participaram dos serviços do Templo.

A Última Ceia não foi um ato espontâneo e inventado de última hora, mas sim um ritual que era repetido há várias gerações e séculos. Jesus deu um novo sentido a esse rito, tornando-o um sinal da Nova e Eterna Aliança que culminou na cruz.

A Igreja Episcopal Carismática do Brasil valoriza a liturgia, mas não acredita em "vãs repetições" vazias de sentido. Ela repete aquilo que pode ajudar a edificar a fé e a louvar de forma bela e digna o Nome do Senhor. No entanto, é importante destacar que até mesmo as igrejas contemporâneas, que abandonaram a liturgia escrita em nome da espontaneidade e liberdade no Espírito, acabam por ter sua própria liturgia, mesmo que não tenham consciência disso, e também se envolvem em repetições que tanto criticam.

A Igreja sempre celebrou e ministrou os Sacramentos, que são meios pelos quais a Graça de Deus, por meio de Jesus Cristo, é infundida no crente utilizando um sinal visível para realizar a Sua vontade entre os homens. São eles **(Batismo, Eucaristia, Confirmação, Confissão, Matrimônio, Unção dos enfermos, Sagradas Ordens)**.

Uma igreja Carismática

É uma Igreja de adoração. O Espírito Santo abre nossos olhos para entender quem é Jesus e nos dá o desejo de adorá-Lo. É uma Igreja de ensino. Devemos adorar a Deus não apenas em espírito, mas também em verdade. Jesus disse: "O Espírito Santo vos guiará em toda a verdade" (João 16:13).

É uma Igreja que cuida e ama. O Espírito de Deus nos concede o fruto do Espírito, descrito em Gálatas 5 e 6. Por fim, a Igreja Carismática será sempre uma Igreja que serve. Não somos chamados para sermos senhores do povo, mas para sermos servos. Jesus, Ele próprio, renunciou aos seus direitos, pegou uma toalha e lavou os pés dos seus discípulos (João 13).

Portanto, uma Igreja Carismática adora, ensina, ama e serve. Seus membros se oferecem ao Senhor reconhecendo que não possuem nenhum mérito próprio, exceto pela Graça de Deus. Somente a Igreja que confia na Graça do Senhor é verdadeiramente CARISMÁTICA.

Finalmente, a Igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB) encoraja os evangélicos a resgatar a visão holística da missão de um cristão verdadeiro neste mundo. O testemunho das Escrituras revela que, devido ao pecado, nosso relacionamento com Deus, conosco mesmo, com o próximo e com a criação foi rompido. Através do sacrifício redentor de Cristo na cruz, foi possível restabelecer e reconciliar esse relacionamento.

Onde a Igreja tem sido fiel a esse chamado, ela tem proclamado a salvação pessoal, tem sido um canal da cura divina para os necessitados física e emocionalmente, e tem lutado pela justiça em favor dos oprimidos e abandonados. Assim, conclamamos a Igreja a participar ativamente dessa atividade redentora de Deus, por meio da prática e da oração, buscando a justiça social e a liberdade para os oprimidos, com vistas à salvação na nova ordem escatológica do céu e da terra.

A formação de uma comunidade terapêutica de amor em cada Paróquia, bem como a ênfase no ensino da Bíblia e das doutrinas cristãs, é a grande diferença que a IECB tem vivenciado em todo o mundo. Ninguém se tornará membro desta Igreja sem antes conhecer profundamente a Palavra de Deus, a fim de servi-lo de maneira mais plena.

Ser um episcopal significa fazer parte da Igreja Católica de Cristo, respeitar a individualidade das pessoas, ter uma teologia fundamentada nas Escrituras Sagradas e na Tradição, celebrar a unidade na diversidade, considerar seriamente as Escrituras Sagradas e os Sacramentos, e participar da herança apostólica.

1.2 Movimento Convergente

O Movimento de Convergência é um movimento dentro da **Igreja Episcopal Carismática do Brasil (IECB)** que busca retornar às raízes do cristianismo, integrando as **tradições sacramental, evangélica e carismática**. Ele procura responder aos dilemas do homem moderno, combinando a riqueza da tradição cristã com uma linguagem relevante para os tempos atuais. **Aqui estão os principais pontos e subpontos do movimento:**

Retorno às raízes do cristianismo:

O Movimento de Convergência busca um retorno às origens da fé cristã, às raízes plantadas por Cristo. É uma busca pela fonte de água viva que sacia a sede do homem imerso em dilemas. Pretende restaurar uma igreja apostólica, santa, católica e que vive toda a plenitude do Reino de Deus.

Integração das tradições bíblicas:

O Movimento de Convergência não se limita a uma única tradição, mas busca integrar as tradições sacramental, evangélica e carismática presentes nas Escrituras. O objetivo é viver uma espiritualidade integral, abraçando os aspectos sacramentais, evangélicos e carismáticos em nossas vidas.

Vida sacramental:

Reconhece a importância dos ritos e elementos sacramentais como expressões visíveis da presença invisível de Deus. Valoriza a relação com um Deus presente na história, que deixou esses ritos como formas de nos conectarmos com Ele.

Vida evangélica:

Compreende a necessidade de conversão do homem a Deus por meio de Cristo. Enfatiza a importância da relação com Deus por meio de Sua palavra escrita, as Sagradas Escrituras.

Vida carismática:

Entende que a presença pessoal de Deus em nossas vidas por meio do Espírito Santo é real e busca levar-nos a uma vida de intimidade com o Pai, por meio do Filho. Vê o Espírito Santo como aquele que distribui dons e carismas ao corpo de Cristo, buscando edificar a comunidade.

Centralidade da vida litúrgica:

A vida litúrgica é o ponto central de convergência das três tradições. Nela, celebra-se a Deus Trino, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O objetivo é estabelecer uma comunidade entre o corpo de Cristo e a Trindade, buscando intimidade e transformação.

O **Movimento de Convergência** é uma convocação para um reavivamento espiritual na Igreja Episcopal Carismática do Brasil, buscando integrar as riquezas das tradições sacramental, evangélica e carismática em uma abordagem relacional e litúrgica, encontrando assim uma resposta significativa para os desafios enfrentados pela igreja e pelo mundo atual.

1.3 Visão e Missão:

Visão:

Ser uma comunidade comprometida com **Deus e os valores do evangelho**, acolhedora em amor, buscando meios eficazes para transformação de vidas por meio da vivência e proclamação de Cristo.

Missão:

Proclamar a salvação até os confins da terra, **fazendo discípulos íntimos e obedientes a Jesus**, preparando-os para a eternidade e através do discipulado, integrá-los na Família de Deus, equipando-os para a adoração, proclamação e serviço no Reino de Deus.

1.4 Em que cremos

- **Cremos na Santíssima Trindade, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo**, um só Deus Eterno, Poderoso e Onisciente;

- **Aceitamos os 66 livros canônicos do Antigo e Novo Testamento como a verdadeira Palavra de Deus**, a única regra de fé e conduta cristã, suficientes para a salvação, suprema em sua autoridade, pela qual a Igreja deve sempre se reformar e julgar suas tradições;

- **Cremos que o homem pecador e culpado, é justificado por Deus**, tendo por base apenas a morte expiatória de Cristo, somente pela Fé, e que as boas obras de um santo viver seguem a justificação como sua própria evidência;

- **Reconhecemos Jesus como nosso único e todo suficiente mediador entre Deus e o homem**, e sua morte como o único sacrifício pelos pecados;

- **Cremos nos Sacramentos como meios de graça, imprescindíveis para a vida da Igreja e de seus membros**, que fortalecem a fé e promovem o encontro entre os elementos deste mundo e os elementos da realidade espiritual, ou seja, entre o imanente (o povo de Deus) e o transcendente (Deus). Os Sacramentos são divididos em sacramentos plenos (Batismo e Santa Eucaristia), instituídos explicitamente por Jesus Cristo, e sacramentos menores (Confirmação, Confissão, Unção dos Enfermos, Matrimônio e Sagradas Ordens), que

derivam do uso apostólico e são estados de vida aprovados pelas Escrituras e fundamentados nelas.

- **Aceitamos o sacrifício expiatório de Cristo na cruz, feito uma só vez e para sempre**, em favor de todos os que creem e O aceitam;
- **Creemos no livre acesso do pecador a Deus pela fé e pela oração**, sendo Cristo o único mediador;
- **Creemos na eficácia da oração pessoal, coletiva ou intercessória**, como hábito recomendável de refrigério para a vida espiritual e aceitável por Deus;
- **No dever das boas obras feitas com amor**, as quais não se tornam veículos de salvação, mas expressões concretas de uma vida de fé;
- **Na regeneração ou novo nascimento espiritual, pelo arrependimento do pecador e obra do Espírito Santo**;
- **Na autoridade da Igreja, a qual jamais perecerá e está representada nas primitivas e históricas Ordens** de Bispos, Presbíteros e Diáconos;
- **Na utilidade da assistência regular aos Ofícios Divinos realizados na língua do povo**, e por Ministros que representam a autoridade Apostólica e são chefes dos seus próprios lares;
- **No conteúdo dos Credos Apostólicos e Niceno, inspirados sumários da fé universal dos cristãos** e aceitos desde os primeiros séculos de nossa era;
- **Na construção constante da Igreja baseada no testemunho da Bíblia, dos Credos e da Tradição**, interpretados pela razão e sujeitos sempre à orientação do Espírito Santo.

Pontos fundamentais da nossa fé

Levamos em estima maior as Sagradas Escrituras, não apenas na pregação, mas também na leitura pública e nos estudos pessoais.

A importância dos Sacramentos como meios de manifestar a graça de Deus.

A importância de a Igreja ter a consciência de seu papel no mundo, como continuadora do ministério de Cristo.

A doutrina da salvação pela graça, conforme defendida pelos Reformadores.

A presença REAL e OPERACIONAL do Espírito Santo conferindo dons e sinais aos cristãos para serviço e testemunho no mundo.

Neste sentido, a IECB é completamente ortodoxa, completamente evangélica, completamente sacramental e completamente carismática.

Crenças Fundamentais

Na Santíssima Trindade, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, um só Deus Eterno, Amoroso, Poderoso e Onisciente;

Aceitamos os 66 livros canônicos do Antigo e Novo Testamentos como a verdadeira Palavra de Deus, a única regra de fé e conduta cristãs, suficiente para a salvação, suprema em sua autoridade, pela qual a Igreja deve sempre se reformar e julgar suas tradições;

Cremos que o homem pecador e culpado, é justificado por Deus, tendo por base apenas a morte expiatória de Cristo, somente pela fé e que as boas obras de um santo viver seguem a justificação como sua própria evidência;

Reconhecem a Jesus Cristo como único e todo suficiente mediador entre Deus e os homens e Sua morte como o único sacrifício pelos pecados.

Cremos nos dois Sacramentos: Comunhão e Batismo como instituídos e autorizados pelo próprio Senhor Jesus.

Reconhecemos os cinco Ritos Sacramentais ou ainda, também, chamados Ordenanças Sacramentais: Confirmação, Confissão, Sagradas

Ordens, Matrimônio e Unção dos Enfermos - como parte da vida regular dos fiéis, trazendo a sanção e o favor de Deus para suas vidas;

Aceitamos o sacrifício expiatório de Cristo na cruz, feito uma só vez para sempre, em favor de todos os que n'Ele creem e O aceitam;

Cremos no livre acesso do pecador a Deus pela fé e na oração tendo Cristo como o único mediador;

Cremos na eficácia da oração pessoal, coletiva ou intercessória como hábito recomendável de refrigério para a vida espiritual e aceitável por Deus;

Cremos no dever das boas obras feitas com amor, as quais não se tornam veículos de salvação, mas expressões concretas de uma vida de fé;

Cremos na regeneração ou novo nascimento espiritual, pelo arrependimento do pecador e obra do Espírito Santo;

Cremos na autoridade da Igreja, a qual jamais perecerá e está representada nas primitivas e históricas Ordens de Bispos, Presbíteros e Diáconos;

Cremos na utilidade da assistência regular aos Ofícios Divinos realizados na língua do povo e por Ministros que representam a autoridade Apostólica e são chefes dos seus próprios lares;

Cremos no conteúdo dos Credos Apostólico e Niceno, inspirados sumários da fé universal dos cristãos e aceitos desde os primeiros séculos de nossa era;

No valor histórico e docente dos XXXIX Artigos de Religião, como uma coerente explicação das Escrituras;

Na construção constante da Igreja baseada no testemunho da Bíblia, dos Credos e da Tradição, interpretados pela razão e sujeitos sempre a orientação do Espírito Santo.

O quadrilátero de Chicago - Lambeth

A CIIEC aceita o Quadrilátero de Chicago - Lambeth (1886 - 1888) que delimita a quatro pontos essenciais da unidade evidenciadas pela indivisível Igreja Católica durante os primeiros onze séculos de sua existência e os adota como um requisito para Ministros e Igrejas que venham a entrar em completa comunhão com a Igreja Episcopal Carismática. Estes pontos essenciais dão uma base para o nosso relacionamento com outras tradições, denominações e congregações.

Estes pontos são:

1. As Sagradas Escrituras (Antigo e o Novo Testamentos) são a revelação de Deus contendo todas as coisas necessárias à salvação, sendo a regra e o padrão de fé.
2. Acata o Credo Apostólico como símbolo batismal e o Credo Niceno como testemunho suficiente da fé cristã.
3. Reconhece os dois Sacramentos ordenados por Cristo, Batismo e a Ceia do Senhor, ministrada pela infalível palavra de instituição e os elementos ordenados por Ele.
4. Adota o episcopado histórico, localmente adaptado, nos métodos de sua administração para as várias necessidades das nações e povos chamados por Deus na unidade de sua Igreja.

Práticas e padrões de comportamento

O ponto de partida para a organização da Comunhão Internacional da Igreja Episcopal Carismática - CIIEC, foi o posicionamento anti-bíblico e pecaminoso de algumas denominações cristãs, em relação ao homossexualismo, ao aborto indiscriminado e ao divórcio, sem levar em conta os ensinamentos bíblicos sobre os assuntos referidos. Firmou-se a CIIEC, também, na fiel obediência à sã doutrina do Senhor Jesus Cristo.

Em geral, espera-se dos membros da IECB um comportamento ético, moral e religioso por palavras e atos, de conformidade com a mente de Cristo, e de acordo com ensinamentos dos Evangelhos.

É dever dos membros desta Igreja buscar sempre a oportunidade para o serviço e adoração ao Senhor. O bom relacionamento com os demais irmãos, a prática das virtudes cristãs e os exercícios espirituais, tais como: jejum, intercessão e meditação são altamente recomendáveis para a manutenção da saúde espiritual da Igreja.

Também a prática do dízimo, é exercida na Igreja, como padrão bíblico para o apoio financeiro às Paróquias e demais atividades eclesiais.

1.5 Conceito Carismático

Antes de tudo, é necessário analisar a palavra "Carismática" para torná-la mais clara e erudita, corrigindo todos os erros. A palavra "Carismática" provém do termo "Charisma", que é traduzido, na maioria das vezes no Novo Testamento, como "dom". Essa palavra tem base na raiz que significa "graça". Graça é um favor imerecido que recebemos de Deus, através do qual tudo o que temos é experimentado por nós.

Em 1976, o Bispo Michael Marshall já afirmava que, em dez anos, ou a Igreja seria carismática ou morreria. Isso não tem nenhuma ligação, como alguns poderiam supor, com a prática adicional, às vezes estranha, do tipo pentecostal, que tentamos inserir em nossas Igrejas. Se "carismático" significa "Dons da Graça", então não podemos ser uma Igreja cristã e não sermos carismáticos, pois tudo o que temos vem a nós como um dom gratuito de Deus, pela Graça do Senhor.

A experiência carismática está subordinada a quatro coisas:

Ao ensino apostólico: devemos proclamar o ensino contínuo dos Apóstolos, conforme encontramos no Novo Testamento.

À pregação bíblica: precisamos pregar a fé histórica dos apóstolos, conforme encontrada nas Escrituras.

À adoração histórica: desde os dias dos apóstolos, a adoração dos cristãos está centrada na Ceia do Senhor. Após a Reforma Protestante, ocorreu uma mudança significativa no tipo de adoração. No entanto, adoração não se dá através de uma liturgia, cantando hinos ou lendo orações. Adoração é o oferecimento de nossas vidas ao Senhor como resposta a Ele.

À "experiência carismática": uma coisa é sermos apostólicos em fé e doutrina, outra coisa é sermos apostólicos em vida e experiência.

Uma Igreja Carismática possui quatro características:

É uma Igreja de adoração. O Espírito Santo abre nossos olhos para entender quem é Jesus e nos dá o desejo de adorá-Lo.

É uma Igreja de ensino. Devemos adorar a Deus não apenas em espírito, mas também em verdade. Jesus disse: "O Espírito Santo vos guiará em toda a verdade" (João 16:13).

É uma Igreja que cuida e ama. O Espírito de Deus nos concede o fruto do Espírito, descrito em Gálatas 5 e 6.

Por fim, a Igreja Carismática será sempre uma Igreja que serve. Não somos chamados para sermos senhores do povo, mas para sermos servos. Jesus, Ele próprio, renunciou aos seus direitos, pegou uma toalha e lavou os pés dos seus discípulos (João 13).

Portanto, uma Igreja Carismática adora, ensina, ama e serve. Seus membros se oferecem ao Senhor reconhecendo que não possuem nenhum mérito próprio, exceto pela Graça de Deus. Somente a Igreja que confia na Graça do Senhor é verdadeiramente CARISMÁTICA.

2. Modulo II - Fundamentação Doutrinaria

DA FUNDAMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA - As doutrinas aceitas como princípios de fé pela Igreja Episcopal Carismática, têm como fundamento as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento - divina revelação dada a homens piedosos movidos pelo Espírito Santo -, as quais contêm tudo quanto é necessário para a salvação e santificação dos crentes.

As Igrejas subordinadas à IECB expressarão sua fé, tendo como base de sua pregação os seguintes princípios:

- (A) **A BÍBLIA** - A plena e divina inspiração das Sagradas Escrituras canônicas (os 66 livros), sua infalibilidade, sua única e final autoridade em assuntos de fé e prática.
- (b) **DEUS** - Há um só Deus vivo e verdadeiro, eterno, de infinito poder e sabedoria, criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis, e, na unidade de Sua divindade, há três pessoas de uma só substância, de existência eterna, igual em santidade, justiça, sabedoria, poder e dignidade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.
- (c) **O HOMEM** - A criação do homem à imagem e semelhança de Deus, com um espírito imortal; a queda de toda a humanidade em Adão, sua conseqüente depravação moral e sua necessidade de regeneração.

(d) **JESUS** - A divindade do Senhor Jesus Cristo, o Unigênito Filho de Deus e único mediador entre Deus e os homens; Sua eterna preexistência; Seu nascimento virginal, através do qual tomou a natureza humana, reunindo, assim, duas naturezas inteiras e perfeitas: a divina e a humana. Sua vida sem pecado; Sua ressurreição corpórea, ascensão glorificação e intercessão pelos salvos.

(E) **A SALVAÇÃO** - Todo homem pode ser salvo de seus pecados e justificado diante de Deus pelo favor divino revelado na Sua graça, por intermédio da fé naquele que tomou sobre Si a nossa condenação e a levou para o Calvário: Jesus Cristo (Rm 5:1).

(f) **A EVANGELIZAÇÃO** - O IDE, como ordem missionária, deve ser cumprido com firmeza e diligência no SENHOR, na primordial potencialização do Espírito Santo.

(g) **O ESPÍRITO SANTO E A SANTIFICAÇÃO** - A atuação indispensável do Espírito Santo na regeneração, santificação e capacitação dos crentes para o testemunho eficaz; a operação dos dons do Espírito Santo visando ao aprimoramento e edificação da Igreja, os quais se manifestam segundo determinação do Senhor da Igreja, Jesus Cristo (I Cor 12:4-11).

(h) **A IGREJA** - A Igreja visível de Cristo é uma congregação de crentes batizados e unidos uns aos outros na fé e na comunhão do Evangelho, que observam os mandamentos de Cristo e são governados por suas leis, exercendo os dons concedidos pelo Espírito Santo.

(i) **A CURA DIVINA** - A cura divina e os milagres são para nossos dias também, como partes integrantes da obra expiatória de Cristo (Si 53:4-5; Mt 8:16-17; I Pe 2:24).

(j) **O BATISMO NAS ÁGUAS** - Recebemos o batismo nas águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como uma ordenança do Senhor Jesus àqueles que nele creem e como uma forma de confissão pública da fé e arrependimento de pecados, sem que o mesmo possua poderes de salvação (Mc 16:16; Rm 10:9).

(k) **OS DÍZIMOS E OFERTAS** - Os dízimos e as ofertas são as formas de contribuição mais lógicas e coerentes com os ensinamentos do Novo Testamento para a manutenção da Igreja e do templo (Mal 3:10; Mt 23:23).

(l) **A SEGUNDA VINDA DE CRISTO** - Cristo voltará ao mundo de uma forma invisível, para arrebatá-la Sua Igreja da Terra, operando a ressurreição dos que dormem no Senhor e a transformação, em corpos glorificados, dos que estiverem vivos; depois, de forma visível, na Batalha do Armagedom, para guerrear contra Satanás e lançá-lo em cativeiro por mil

anos, estabelecendo, em seguida, um reino terreal, pelo mesmo período de tempo, onde os salvos com Ele reinarão (I Ts 4:13-18; Ap 19:11-21; 20:1-6).

(m) **O TRIBUNAL DE CRISTO** - Depois do arrebatamento da Igreja, os salvos receberão nos céus galardões em conformidade com o trabalho de cada um no Reino de Deus estabelecido na terra (Rm 14:7-12; I Co 3:8-15; II Co 5:10).

(n) **A CONDENAÇÃO DOS ÍMPIOS** - No final do período milenar, todos os incrédulos de todos os tempos ressuscitarão para serem julgados e condenados por Deus segundo as obras praticadas (Ap 20:11-15; 21:8; 22:14-15).

(O) **A ETERNIDADE** - A eternidade é o destino final para todos os homens e será dividida em duas formas distintas: uma de gozo e paz para todos os que forem salvos pelo Cordeiro de Deus; outra de tormentos, dor e espanto para todos os incrédulos de todos os tempos (Ap 22:1-5; Mt 24:51).

3. Modulo III- Estrutura Organizacional

3.1 Governo Episcopal

A IECB é uma Comunhão Episcopal, ou seja, seu governo é dirigido por um Bispo. O governo episcopal é válido e apostólico, não é simplesmente, uma opção, mas uma prática muito bem definida no Novo Testamento. Porém, longe de serem apenas administradores, os bispos da IECB são, antes de tudo, Pastores. Através dos Cânones, os Bispos devem ser reitores de suas próprias Paróquias.

3.2 Clérigos e Leigos

O termo clero se refere os ministros ordenados como bispos, presbíteros e diáconos, os ministros são Separados pela ordenação para celebração da ministração e dos ensinamentos cristãos devem servir de modelo para o povo de Deus .

O Papel do ministro

De acordo com os Cânones, o Clero da Igreja é composto dos ministérios ordenados de Bispo, Presbítero e Diácono, que servem, em Sucessão Apostólica, debaixo da liderança espiritual de Jesus Cristo. São reconhecidos outros tipos de ministério comissionado,

exercido pelos leigos, de forma que o sacerdócio de todos os cristãos é exercitado dentro da Igreja inteira.

O Clero ordenado é responsável pelos ministérios litúrgicos, sacramentais e pedagógicos da Igreja. O clero da IECB é chamado a equipar e conduzir a Igreja, Corpo de Cristo, a oferecer a Deus os sacrifícios de louvor e ações de graças por todas as bênçãos recebidas. Espera-se que os Clérigos atuem como conselheiros bíblico-pastorais, mestres e incentivadores, levantados por Deus para conduzir os leigos nos serviços da Igreja. Cabe lembrar que o Ministro Ordenado tem a primazia na condução dos serviços do altar.

O Bispo

É investido da autoridade de Cristo através das ordens sacramentais e tem a função de chamar homens e mulheres à fé cristã, ou confirmá-los, mediante o evangelho e o poder do Espírito Santo. Ele supervisiona, promove e guarda toda a vida litúrgica da igreja confiada aos seus cuidados. O bispo auxiliar serve sob a direção do Bispo Diocesano e não tem direito a sucessão.

O Presbítero

É um colaborador que apesar de não possuir a integralidade do sacerdócio episcopal (pois não ministra ordenações, sagrações e confirmações) está ligado ao Bispo pelos laços da dignidade sacerdotal, que o capacitam a tarefa de santificar e governar a parte do rebanho em nome do Senhor. Geralmente no âmbito de uma paróquia.

O Diácono

É o mensageiro e anunciador da palavra do Senhor, auxilia na administração dos sacramentos aos presbíteros e Bispos, é o símbolo do dever de todo cristão, viver a serviço de seu próximo.

Os leigos

Os leigos são os membros comuns da igreja que servem participando da missão de levar o evangelho a toda criatura, além de dar assistência em todas as missões e ministérios da igreja, bem como colaborar com suas experiências e habilidades para a boa administração da igreja.

A responsabilidade de todos os membros, confirmados ou não, inclui a comunhão e participação regular na vida da igreja, a contribuição com dízimos e ofertas, o compartilhar de uma visão de liderança e o serviço com seus dons e talentos para o crescimento da igreja.

Também são leigos, os ministros não ordenados.

Ministros comissionados

Têm um mínimo de idade 18 anos para servir em diversas funções, como evangelista e mestres e outras tarefas semelhantes. Podem ser designados como ministros encarregados em missões.

Acólitos

Com no mínimo 12 anos de idade, Auxiliam os ministros no recolhimento dos dízimos e ofertas e durante a comunhão.

Os acólitos são ministros não ordenados, podendo ser homens e mulheres, mas precisam ser batizados e confirmados como membros da igreja. O serviço deles tem como prioridade auxiliar os ministros ordenados no recolhimento dos dízimos e ofertas, além de poderem auxiliar na distribuição da Eucaristia. Cada um dos participantes desse ministério é aprovado e instituído pelo Bispo, sempre buscando servir a Deus na igreja com excelência e alegria, visando o crescimento e a intimidade com o verdadeiro Guia desta missão, o Senhor Jesus, para que Sua palavra seja proclamada com fidelidade."

Quanto ao exercício do Episcopado, os Cânones da nossa comunhão nos levam a concluir que:

A) **EM HIPÓTESE ALGUMA O BISPO** é alguém eleito por conchavos, alianças, promessas políticas e negociações;

b) **EM HIPÓTESE ALGUMA UM BISPO** pode assumir um comportamento sistemático de fragmentação e desagregação do rebanho, pois ele mesmo está sob a direção de um colegiado. Um Bispo Diocesano não é um "senhor feudal" a exercer despoticamente o seu poder. Enfim, ele não é intocável. Existem instrumentos para proteger o rebanho de um mau Bispo e ao mesmo tempo manter a dignidade do ofício;

c) **EM HIPÓTESE ALGUMA O BISPO** poderá defender posições públicas pessoais ou praticar atos que venham a ferir a ética e a consciência da coletividade. Um Bispo da Comunhão Episcopal Carismática não defende e nem realiza uniões homossexuais, não publica ou faz pronunciamentos públicos sem consulta e assentimentos consensual do Clero.

d) **EM HIPÓTESE ALGUMA UM BISPO** de nossa Comunhão poderá fazer afirmações que firam a tradição da fé cristã, tais como a negação da divindade de Cristo, da sua ressurreição, etc.

Junto com o aspecto administrativo do episcopado, é um princípio fundamental da CIIEC que o governo aconteça por consenso, debaixo da direção do Espírito Santo.

A nível internacional, o Conselho do Patriarca e a Câmara Internacional dos Arcebispos, igualmente, atuam sempre através da oração, buscando a unidade descrita em Atos 15, referindo-se ao Concílio de Jerusalém.

Este mesmo processo de buscar o CONSENSO acontece dentro de cada território internacional ou igreja nacional, de cada Província debaixo da autoridade de seu Arcebispo, de cada Diocese debaixo da autoridade de seu Bispo, e dentro de cada Paróquia debaixo da autoridade de seu Reitor e do seu Conselho Paroquial.

A denominação, como um todo, é governada pelos Cânones da Igreja Episcopal Carismática.

A CIIEC reconhece e mantém o tradicional e bíblico Ministério Ordenado, através da imposição de mãos para consagrar Bispos, Presbíteros e Diáconos, entende que, com isso, recupera dentro do movimento carismático, o que está expresso em Efésios 4.11-13, no que se refere aos dons de apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre para a edificação da Igreja de Cristo até a Sua vinda. Estes dons estão presentes na IECB, no meio do Clero, dos Leigos e em toda Paróquia saudável.

Em relação ao movimento geral de muitas Igrejas e denominações para o ecumenismo, cabe mencionar o seguinte:

A IECB não ordena mulheres ao diaconato ou sacerdócio. Porém, na IECB a mulher serve à Igreja em uma variedade de ministérios leigos, recebendo o nome de Ministras Comissionadas.

“Clérigos e leigos podem participar de atividades ecumênicas, tais como estudos bíblicos e outras atividades.

“A celebração da Mesa do Senhor (Eucaristia) é aberta a todos os cristãos que creem no Sangue de Cristo como única forma de perdão para o pecador.

3.3A admissão, Direitos e Deveres dos Novos Membros.

I. QUEM PODE SER MEMBRO DA IGREJA IECB

Serão membros da Igreja Episcopal Carismática – Catedral do Calvário as pessoas que, sem distinção de raça, cor, idade ou posição social, satisfizerem os requisitos para admissão e forem recebidos à sua comunhão.

São requisitos para a admissão como membro:

- A) Demonstrar, por atos, arrependimento de seus pecados e desejo de viver vida nova, de acordo com os ensinamentos da Bíblia;
- b) Aceitar, pela fé, nosso Senhor Jesus Cristo como único Salvador;
- c) Aceitar todas as doutrinas ensinadas e defendidas pela Igreja, de acordo com a Bíblia Sagrada, que é a infalível Palavra de Deus, e tê-la como única regra de fé e prática;
- d) Ter sua situação civil reconhecida pelas leis do País;
- E) Declarar submissão e obediência à orientação ministrada pelo Manual, inclusive em relação aos costumes;
- f) Ter, no mínimo, doze anos de idade, ou a critério da liderança da Igreja;
- g) Prometer sustentar a obra com dízimos e ofertas;
- h) Declarar que não está ligado a nenhuma sociedade secreta.

ÚNICO - Quanto aos congregados que não puderem ser membros comungantes da Igreja em virtude de sua situação civil, que sejam tratados com amor, orientados e ajudados para que a regularizem de acordo com as leis do País e que não sejam impedidos de colaborar na Obra.

II. DA ADMISSÃO DE MEMBROS

As pessoas que satisfizerem os requisitos para sua admissão no rol de membros da Igreja serão recebidas pelos seguintes meios:

- A) Profissão de fé e batismo - as pessoas a serem recebidas por profissão de fé e batismo serão matriculadas na classe de iniciantes e receberão do obreiro, ou pessoa por ele indicada, as necessárias instruções;
- b) Adesão às doutrinas e ao Regimento Interno da Igreja - o recebimento por adesão diz respeito a membros de outras Igrejas que desejam ingressar numa Igreja IECB;
- c) Transferência interna e externa - interna: de Igreja IECB para Igreja IEC B ; externa: de outras Igrejas da mesma fé doutrinária e costumes;
- d) Reconciliação - a reconciliação diz respeito a membros que tenham sido excluídos e, arrependidos, voltem à Igreja, ou membros de outras Igrejas evangélicas excluídos de suas

Igrejas que, dando prova de arrependimento, peçam sua reconciliação na Igreja IECB; neste caso, deverão sujeitar-se a um período de prova de até noventa dias.

II. A recepção de membros far-se-á sempre em ato público, de preferência em culto solene.

III. Em qualquer dos casos de recepção, será necessário que o candidato seja batizado por imersão ou aspersão.

IV. As pessoas recebidas como membros da Igreja terão seus nomes registrados em livros apropriados na Igreja local e tornar-se-ão participantes dos direitos e privilégios conferidos pela Igreja, ressalvadas as restrições. São dois os livros de registros constantes neste artigo:

A) Livro de registro permanente, modelo oficial, o qual não poderá ser reformado nem rasurado, seguindo seu registro ordem cronológica;

b) Livro de chamada, modelo oficial, o qual será reformado anualmente, para que se tenha, sempre em dia, o número de membros.

ÚNICO - Além dos livros de registros referidos no parágrafo anterior, a Igreja manterá livros apropriados para registros de casamentos e apresentação de crianças.

III. DOS DEVERES DOS MEMBROS

São deveres dos membros:

A) Participar assiduamente dos cultos da Igreja, bem como apoiar e participar dos empreendimentos da mesma;

b) Cooperar regular, fiel e ativamente, quanto ao sustento financeiro da Igreja do Senhor da qual é membro, através de seus dízimos e ofertas;

c) Submeter-se às admoestações e exortações da liderança da Igreja, com humildade, evitando atitudes que venham gerar conflitos ou facções no seu âmbito;

d) Desempenhar, com fidelidade, os cargos para os quais for eleito;

E) Zelar pelo bom testemunho do Evangelho, pela reputação de seus irmãos em Cristo, bem como pelo nome de sua Igreja e de seus ministros;

f) Comunicar-se com sua Igreja dando-lhe ciência imediata quando dela se ausentar por mais de trinta dias, quer por motivo de saúde, trabalho, estudos ou viagens.

IV. DOS DIREITOS DOS MEMBROS

I. São Direitos dos Membros:

A) Participar da Ceia do Senhor;

b) Usufruir os benefícios espirituais da Igreja;

- c) Concorrer à eleição para quaisquer cargos da Igreja, exceto os de natureza ministerial, para os quais se torna necessário que o candidato possua a vocação do ministério devidamente reconhecida pela IECB;
- d) Transferir-se de uma Igreja para outra da mesma fé doutrinária e costumes;
- E) Apelar, em caso de disciplina, ao Conselho da IECB ou ao Superintendente Regional;
- f) Receber assistência religiosa e espiritual da Igreja, provida por seu ministério;
- g) Ter voz e voto nas deliberações da Igreja.

II. Deixarão de ser membros das Igrejas IECB e perderão, por isso, os direitos e privilégios que desfrutam:

- A) Os que se retiram a próprio pedido, feito por escrito ao obreiro, ou verbalmente, ao Conselho da Igreja;
- b) Os que forem excluídos por determinação disciplinar;
- c) Os ausentes por mais de seis meses;
- d) Os que levarem carta de transferência para outra Igreja da mesma fé doutrinária e costumes;
- E) Os falecidos.

Os membros de Igreja de paradeiro ignorado durante três meses serão inscritos em rol separado; três meses após esse prazo, se não forem encontrados, serão excluídos.

ÚNICO - Nenhuma pessoa cujo nome for cancelado do rol de uma Igreja local poderá ser arrolada em outra, sem que haja entendimento prévio entre as respectivas lideranças.

4. Modulo IV- Nossa Liturgia

4.1 Conceito e Significado

Se afirmarmos que liturgia é criação da Igreja, o corpo de Cristo, ou seja, obra e trabalho do povo de Deus estão afirmando, na verdade, que a liturgia é criação do Espírito Santo. É o Espírito Santo quem fala através da liturgia e age dentro dela. A liturgia, como ação de todo povo de Deus, implica em dizer que todos são participantes e ninguém é espectador. Afinal, a liturgia é o culto público a Deus executado pelo seu povo, a Igreja, a comunidade dos fiéis. Envolve, assim, a participação ativa e responsável de todos os adoradores, tanto os ministros quanto os leigos. Cada um tem sua função própria no drama da liturgia.

Na liturgia, fazemos a oferta de nós mesmos a Deus e celebramos os seus mistérios, ou seja, projetos de Deus que se realizam na pessoa de Jesus Cristo; a redenção e salvação do homem, a implantação do Reino de Deus no mundo, a participação dos cristãos da vida de Deus. O mistério central da vida do cristão é o mistério pascal (a paixão, a morte e a ressurreição do Senhor). Que celebramos na Eucaristia.

Portanto, a ação litúrgica faz memória, isto é, torna presente, traz para o momento atual os acontecimentos da salvação. Ela deve levar-nos a Deus, transformando-nos naqueles que adoram “em Espírito e em verdade”.

Um dos valores da liturgia é que nos ensina como pedir e o que pedir. A liturgia disciplina as nossas orações, instrui e educa o Espírito humano, imprimindo inclusive, uma maior reverência durante as celebrações litúrgicas. A repetição dos louvores e das orações, quando tudo é feito com coração, não constitui vãs repetições, pois nos ajuda a sermos edificadas na fé e a adorar o Senhor de maneira mais bela e digna. Nesse sentido profundo. Liturgia significa um ato realizado em benefício do povo de Deus, ao passo que, em seu sentido mais restrito, ele se refere às cerimônias e ritos públicos oficialmente realizados pela Igreja.

Finalmente, é preciso dizer que liturgia não pode ser algo mecânico, sem vida. Liturgia é vida e exige, portanto, espiritualidade e fé. Se durante a semana estamos abertos ao Espírito Santo, no trabalho, na família, na comunidade, então nossos olhos se abrem quando o pão é partido, o coração fica em brasa quando ouvimos a Palavra e o caminho que percorremos, com todas as suas alegrias, tristezas, dificuldades e desafios, passa a fazer sentido e a renovar as nossas esperanças.

4.2 A liturgia no culto

A liturgia da nossa igreja tem como livro-padrão o Livro de Oração Comum (LOC) da Igreja Episcopal Anglicana, edição de 1987 em língua portuguesa, e edição em língua inglesa de 1979 (versão dos Estados Unidos da América), que é aceito provisoriamente como texto primário para ritos, forma e ordem no culto, podendo, ainda, serem aprovados pelo Bispo Diocesano outros ritos tradicionais e históricos que estejam em harmonia com o LOC.

Nossa igreja adota em sua liturgia a riqueza histórica dos sinais e símbolos, como cores litúrgicas, paramentos do altar, objetos litúrgicos, vestes e insígnias litúrgicas, que comunicam realidades profundas e espirituais da fé cristã. Celebramos o ano cristão, com seus três grandes ciclos do Natal (Advento, Natal e Epifania), da Páscoa (Quaresma,

Páscoa, Ascensão e Pentecostes) e Tempo do Reino ou Comum (celebração do ministério de Cristo em sua plenitude).

A liturgia do culto na Comunhão Episcopal Internacional é dividida em Liturgia da Palavra e Liturgia da Mesa e inclui processional, oração inicial, Kyrie, confissão/absolvição, tempo de louvor, leitura da Palavra, hino dominical (louvor), sermão, ofertório, Santa Eucaristia, bênção final/despida e recessional.

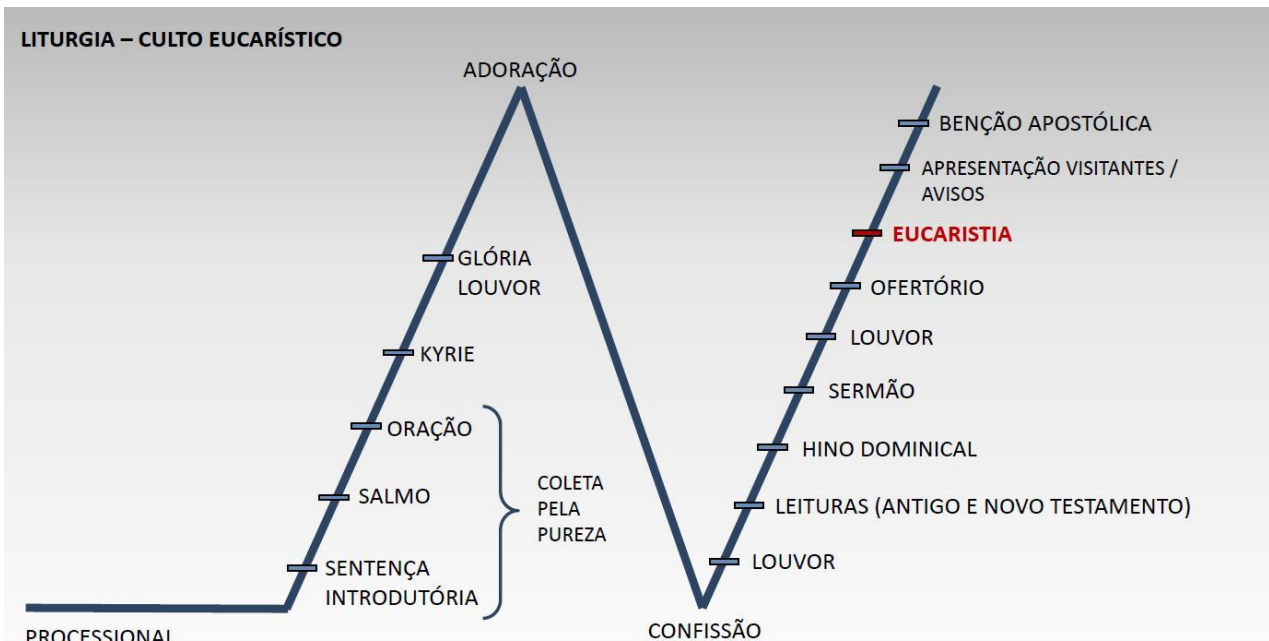
As vestes mínimas no culto eucarístico dominical para Bispos, Presbíteros e Diáconos são compostas de alva e estola, além da cruz peitoral. Em outras ocasiões em que haja a celebração de algum sacramento, deve-se usar, pelo menos, camisa de colarinho clerical e estola, salvo eventuais exceções aprovadas pelo Bispo Diocesano.

Ante de fixar o conceito de liturgia e defini-la é preciso observar que a adoração crista é mais bem descrita em termos de “resposta”, porque é Deus que sempre toma a iniciativa. Ou seja, podemos afirmar, já definindo, que liturgia é um diálogo entre Deus e seu povo. Na liturgia Deus fala com seu povo. Cristo anuncia o evangelho e o povo responde a Deus com cânticos, orações e outras expressões de fé..

4.3 Culto Eucarístico Dominical - Liturgia Mínima

- LOUVORES INICIAIS
- PROCESSIONAL (Todos em pé)
- COLETA PELA PUREZA (pode ser precedida das boas-vindas, leitura de trecho de Salmos e oração).
- KYRIE
- LOUVORES
- CONFISSÃO/ABSOLVIÇÃO (todos sentados ou ajoelhados)
- LOUVORES
- LEITURA DA PALAVRA (todos em pé)
- HINO DOMINICAL (louvor)
- SERMÃO (todos sentados)
- LOUVOR
- OFERTÓRIO (louvor durante a coleta)
- EUCARISTIA PROPRIAMENTE DITA (todos em pé – oração eucarística, oração do Pai Nosso, partir do pão, saudação da paz, comunhão).
- BÊNÇÃO FINAL/DESPIDA

- RECESSIONAL



5. Modulo V- Sinais e Símbolos

Simbolismo é o ato de atribuir a coisas e ações um significado interior. Por exemplo, a balança simboliza a justiça, quando a contemplamos no campo do Direito, a bandeira nacional simboliza a pátria. Desse modo, a balança e a bandeira são sinais, respectivamente, da justiça e da pátria. Outro exemplo; a mão estendida pode simbolizar amizade ou ajuda, ou seja. A mão estendida pode ser um sinal dessas duas disposições da alma, ser amigo, ajudar. No âmbito da Igreja, o simbolismo expressa ideias religiosas e é essencial a todas as formas externas de adoração. Aliás, os sinais e os símbolos tornam a liturgia mais perceptível, liberando e fazendo reconhecer a graça de Deus no meio do seu povo.

Ressalte-se que os sinais e os símbolos tornam visível o invisível e devem ser natural e facilmente entendidos pelos adoradores. É importante distinguir sinal de símbolo, embora essas expressões sejam muitas vezes utilizadas indistintamente como se fossem sinônimas.

Os **sinais** simbolizam algo: são objetos, cores, luzes, gestos, movimentos, ao passo que o **símbolo** é a expressão, a manifestação de uma realidade invisível, que nos conduz a uma experiência espiritual e atinge os nossos sentidos por meio de sinais. Por exemplo, o pão e o vinho durante a celebração eucarística são sinais e simbolizam o corpo e o sangue de Jesus Cristo.

Portanto, **símbolo** é tudo que é capaz de expressar de alguma maneira, uma realidade que este presente e é muito maior e mais profunda do que aquilo que conseguimos exprimir em palavras. Podemos afirmar, então, que o **símbolo é a linguagem do mistério**. Na liturgia, os sinais e os símbolos, para quem fé, revelam o mistério de Cristo e comunicam algo transcendente. Em todo o Antigo e o Novo Testamentos, Deus comunicou-se por sinais e símbolos. Palavras não eram suficientes. Deus queria que seu povo visualizasse verdadeiramente o que Ele ensinava.

João Batista, por exemplo, quando se referiu a Jesus, disse: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29), simbolizando o sacrifício perfeito, completo e suficiente oferecido por Jesus, o sacrifício Dele mesmo, para o perdão dos nossos pecados. E o próprio Jesus disse: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu, se alguém dele comer viverá eternamente” (Jo 6.51), onde o pão simboliza união, alimento e vida. É importante destacar que o mesmo sinal, dependendo do contexto da celebração, pode simbolizar coisas diversas. Por exemplo, o vinho pode lembrar a generosidade de Deus e a alegria renovada da sua presença no meio do seu povo, mas pode também representar o sangue da nova e eternal aliança, derramado para remissão dos pecados. A água recorda vida, mas pode simbolizar a morte do velho homem pelo batismo.

Aliás, a Igreja e de modo específico a Igreja Episcopal Carismática tem usado verdadeira riqueza de simbolismo em palavras e sinais para transmitir o sentido de sua fé e aprofundar a comunhão com Deus. Veja que o óleo da unção é usado para consagração, Bênção, cura.

Por sua vez. A imposição de mãos, além de ser aplicada também para bênção e cura. Simboliza a transmissão dos dons do Espírito Santo (At 8.17), o envio para uma missão (At 13.3), e a atribuição de uma função ministerial. Observe-se que esse gesto de impor as mãos está presente na liturgia dos sacramentos, como o batismo, a confirmação, as ordenações, a unção dos enfermos, o matrimônio. A cruz é o mais honrado de todos os símbolos cristãos. É sinal de vitória, libertação, transformação. Representa o ato redentor de Jesus e também a nossa resistência para suportar as provas da vida seguindo a Cristo (é por isso que no batismo fazemos o sinal da cruz no batizando).

Vamos ver alguns símbolos comuns na Igreja Episcopal Carismática e seu significado:

a) A ALVA



A **Alva** que é a túnica branca usada pelos bispos, presbíteros, diáconos e pelos ministros comissionados (leigos). Ela representa a pureza dada por Cristo àqueles que foram lavados com Seu sangue, pois quando somos purificados por Ele ficamos mais alvos que a neve (Sl 51:7). E assim como diz em Eclesiastes 9:8, “*Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes...*”, as alvas vestidas pelo clero representam também a pureza de corpo, alma e espírito que todo o corpo de Cristo deve buscar ter.

Além disso, elas remetem à batina da integridade que é mencionada em apocalipse, onde fala que nós cristãos a usaremos na eternidade (Ap 3:4-5).

b) A ESTOLA



A **Estola** é uma peça colorida de roupa usada no pescoço pelos ministros ordenados. Representa a carga da Igreja aceita com alegria pelo ministro e a unção do Espírito Santo que Deus prometeu aos que Ele chama. A cor representa a estação do ano litúrgica da Igreja.

A **Estola**, que é usada pelos diáconos, presbíteros e bispos. Ela é uma faixa que segue as cores do tempo litúrgico, e é um símbolo do poder e da autoridade sacerdotal. Representa também a imortalidade ou glória eterna que o Sacerdote pede a

Deus, por meio de oração que faz quando a veste.

Como ela é usada sobre o pescoço, assemelha-se a um jugo, o suave jugo de nosso Senhor, ou seja, as obrigações do estado sacerdotal.

A estola do sacerdote (presbíteros e bispos) desce verticalmente ao longo do corpo, pois age in persona Christi (significa que quando os sacerdotes



agem eles o fazem na pessoa de Cristo, ou seja, não são eles quem estão agindo, mas Jesus). Já como diáconos, ela é atravessada no peito mostrando a horizontalidade de suas funções, pois o ministério do diácono é voltado para o serviço à comunidade.

c) O ALTAR

O **Altar** também conhecido como mesa do altar ou mês da comunhão é uma estrutura usada para oferecer sacrifício. Quando celebramos a Santa Eucaristia, lembramos o grande sacrifício de Jesus Cristo, realizado por nós e pelos pecadores de todo o mundo.

O altar é o objeto litúrgico e sacramental principal do santuário ou templo. Ele se localiza próximo ao povo, porque Deus está sempre perto, porém em um nível mais elevado.



Ele deve sempre ser tratado com reverência e respeito, pois é um lugar de sacrifício. Na Santa Eucaristia, a presença do Senhor no meio do seu povo é representada por um altar, visto que somente o sangue do sacrifício de Jesus Cristo dá e mantém o vínculo entre o Salvador e os redimidos. Por isso, o altar é símbolo de Cristo, que é ao mesmo tempo sacerdote, altar e vítima de seu próprio sacrifício.

No altar é onde estão a mesa, átrio, púlpito, cátedra, além dos bispos, pastores, diáconos e ministros comissionados durante os cultos.

d) A PROCISSÃO (PROCESSIONAL) E RECESSIONAL

Assim como tudo que fazemos em nossa igreja é litúrgico, a entrada e saída do clero nos cultos não podiam ser diferentes. Sempre na mesma ordem, iniciando com os acólitos e terminando com o bispo, nossos líderes espirituais fazem em todas as celebrações no templo o que é conhecido **como processional e recessional**.

A procissão (processional) e o recessional. Lembra que somos todos peregrinos nas estradas deste mundo e caminhamos rumo ao céu. A frente do cortejo pode ir à cruz, pois ela abre o caminho para o reino e o bispo vai atrás de todos, como servo dos servos.

Portanto, que possamos viver dessa maneira, como estrangeiros nessa terra, caminhando com o objetivo chegar ao altar do Senhor, e sentar-se à mesa com Ele.

e) ASSEMBLEIA CRISTÃ

Além desses exemplos de símbolos, é fundamental destacar os sacramentos, que são sinais externos e visíveis que comunicam uma graça interna e Espiritual. Quanto aos sacramentos, que serão abordados com mais vagar em outro momento, é necessário explicar que eles não existem sem palavra pronunciada. Somente a palavra nos leva a entender o sinal sacramental. Por outro lado, é relevante salientar que a própria **Assembleia cristã**. Ou seja, a reunião dos adoradores, já é um sinal-sacramento da presença de Cristo no meio de nós. A palavra do Senhor nos revela isso quando diz: *“Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt. 18.20).*

f) LITURGIA E OS SIMBOLOS

Como se vê tudo na liturgia tem um simbolismo; **os objetos, as palavras, os movimentos (processional, recessional, dança), os gestos (ficar em pé, sentado, ajoelhado, levantar as mãos, bater palmas)**, tudo nos comunica, de alguma maneira, uma realidade invisível, a realidade de Deus. Mas não basta juntar os elementos acima descritos para se configurar uma celebração litúrgica. Precisamos ter fé. A fé no saber para os projetos de Deus e para acolher a sua graça. Sem fé, as celebrações se tornam vazias, ineficazes, mesmo que sejam belos espetáculos.

Na liturgia, não só as pessoas comunicam o que trazem em seu íntimo, mas cada elemento que nos rodeia nos põe em relação com o que eles representam. O espaço celebrativo (o templo), a ornamentação, o cuidado com os objetos litúrgicos, as atividades da assembleia crista e as atitudes dos membros (suas vestimentas, sua reverência, sua participação do culto até o final), tudo nos fala de como é nossa fé, nossa liturgia, nosso respeito em relação aos mistérios que celebramos. Por isso é bom que a Igreja seja instruída quanto aos sinais e símbolos de modo a aprofundar o ato de adoração. Os sinais e símbolos conduzem a adoração.

Modulo VI - Culto cristão – Características e Elementos do culto

O culto a Deus sempre obedeceu a uma forma litúrgica específica, que conduz a Igreja por um caminho rumo ao trono de Deus e, lá, em sua presença, nos permite oferecer um sacrifício de louvor e ação de graças. O culto envolve o homem em sua totalidade, corpo e espírito, promovendo o encontro entre os elementos deste mundo e os elementos da realidade espiritual, ou seja, o culto é o momento de unidade entre o Senhor e o seu povo; um momento de comunhão. Deus santifica o homem no culto, ao mesmo tempo em que o homem glorifica a Deus. Por isso, tudo no culto cristão deve ser feito com decência e ordem (1 Co 14.40), inclusive porque Deus não é confusão e sim paz (1 Co 14.33).

De outra parte, tudo que é feito no culto a Deus tem um significado ou um símbolo, apontando para o Senhor ou o seu caráter. O ponto culminante do culto cristão, que é o ato central de adoração na Igreja Episcopal Carismática, é a celebração do sacramento da Santa Eucaristia ou Santa Comunhão. Na realidade, culto e adoração são a mesma coisa, incluindo louvor, orações, leitura da palavra e de credos, pregação, ofertório e ministração dos sacramentos. Aliás, uma das marcas distintivas da Igreja Episcopal Carismática é a sua liberdade no que se refere ao Espírito Santo. Nossa adoração é muito mais que litúrgica. Ela é sensível ao que Deus busca fazer no meio do seu povo. O Espírito Santo é livre para manifestar-se em meio à adoração da Igreja.

Salienta-se ainda, que o culto cristão é composto de elementos. Por exemplo; Jean-Jacques Von Allmen, antigo professor da Faculdade Protestante de Teologia de Neuchatel, na Suíça, em seu livro “O Culto Cristão-teologia e Prática”, adota uma enumeração em que os elementos são: 1º A palavra de Deus; 2º os sacramentos; 3º as orações (em suas diversas formas) e a 4º a manifestação litúrgica da vida comunitária.

A liturgia da palavra e liturgia da mesa. Esses são os elementos básicos do culto cristão da Igreja Episcopal Carismática

Através da liturgia da palavra, o povo de Deus é instruído na fé e habilitado a receber o santo alimento preparado para ele por Jesus Cristo na liturgia da mesa. Nessa altura, convém que façamos um esboço do culto Eucarístico Dominical da Igreja Episcopal Carismática, em forma de liturgia mínima, que pode eventualmente ser acrescida de outros atos prevista no livro de Oração Comum, conforme os cânones da Igreja. Aliás, a liturgia mínima abaixo esboçada coincide com aquela adotada na Catedral da Trindade e deve ser adotada, a fim de que a Igreja mantenha a sua unidade litúrgica.

6.1 Domingo – Dia do Senhor

Segundo HB Porter, um teólogo: *“A guarda do Dia do Senhor está intimamente relacionada com a afirmação das verdades da fé cristã”*. E esse dia do Senhor, como vamos verificar, coincide com o domingo, diante de razões históricas e teológicas muito claras. Na realidade, sob o ponto de vista teológico, A Nova e Eterna Aliança estabelecida por Jesus Cristo implicou em afirmar que o sábado está superado, pois preservar o sábado judaico significaria retornar à Velha Aliança, como se Cristo não tivesse vindo.

Portanto, o verdadeiro sábado se inicia com Jesus. Ele é o verdadeiro sábado, assim como é o verdadeiro templo, o verdadeiro sacrifício da Antiga Aliança e a verdadeira circuncisão. Jesus, em verdade, põe fim ao sábado, assim como ao templo, aos sacrifícios e à circuncisão, porque leva o sábado à plenitude. Assim, o dia do culto cristão não será mais o sábado. Veja que os primeiros cristãos participavam do culto na sinagoga no sábado e depois do pôr do sol, quando o sábado estava findo, iam para suas casas e partiam o pão, celebrando assim o culto no domingo. No livro de Atos 20.7 é constatado que os cristãos primitivos escolheram o dia seguinte ao sábado, o domingo, o primeiro dia da semana, a fim de se reunir e partilhar o pão. Em 1 Coríntios 16.2 vemos que nesse dia os cristãos também são convidados a demonstrar sua unidade e sua generosidade fraternal.

Além disso, Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana, transformando o domingo no dia de culto cristão por excelência, um verdadeiro memorial da ressurreição de Cristo. Assim, cada domingo é um dia de Páscoa em que a Igreja celebra o grande recomeço, o triunfo de Jesus sobre a morte, simbolizando também a libertação do povo de Deus da escravidão do pecado e a garantia de vida eterna.

Por fim, destacamos que o domingo, em que **é celebrado o culto cristão mais importante, tem três aspectos muito relevantes para a afirmação da nossa fé:**

um aspecto comemorativo (dia da ressurreição);

um aspecto escatológico (dia da vinda do Senhor, que é um anseio da Igreja).

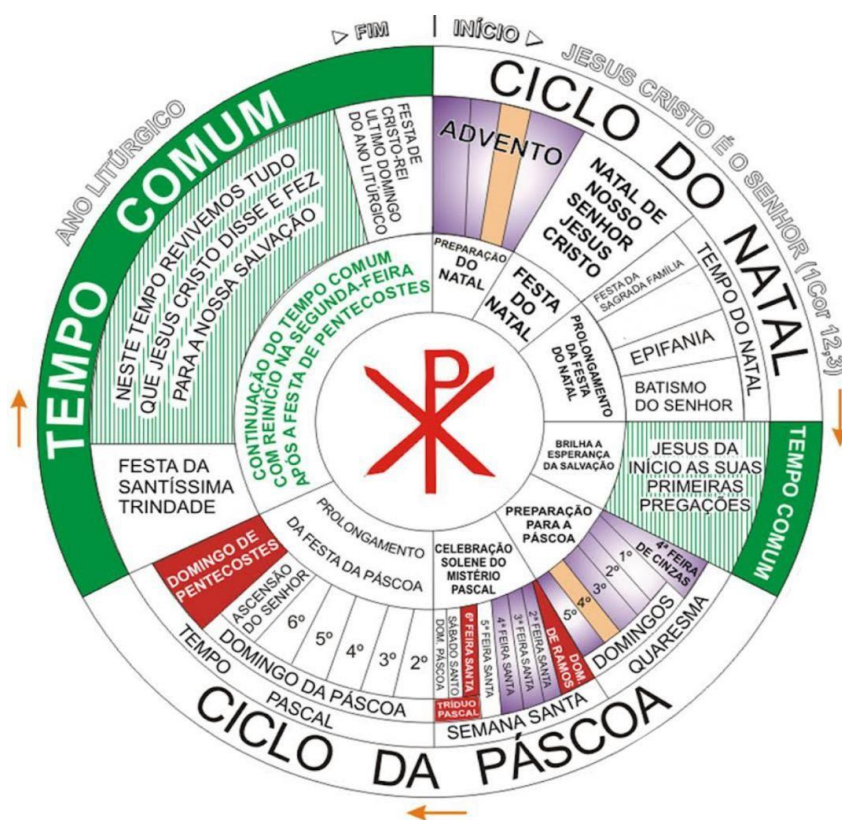
um aspecto significativo (dia da presença do Senhor, pois Ele mesmo disse: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20)). Ou seja, quando há comunhão em torno de Cristo, ali Ele está.

6.2 Ano Litúrgico

Como vimos, o domingo é o dia de culto por excelência. Mas, desde os primórdios, a igreja atribuiu a certos domingos, ou datas determinadas do ano, uma colocação especial. É o que chama de ano litúrgico, também conhecido por suas variantes, ano cristão ou ano eclesiástico. Logo no início, a celebração pascal anual passou a ser precedida de seis semanas preparatórias, a Quaresma, seguida de sete semanas de júbilo, que levavam ao Pentecostes, passando pela Ascensão. Só mais tarde, depois do 4º século, é que a Igreja passou a comemorar o nascimento de Jesus (o natal). Estabeleceu-se um dia próximo do solstício de inverno, época em que o sol retomava a sua carreira de luz e vida, sem fixar, porém, um critério histórico. Na realidade, a escolhada data visava confrontar o culto pagão ao sol, que era o mais sério rival do cristianismo naquela época.

Assim como a Páscoa, o Natal recebeu um envoltório litúrgico formado por período preparatório (as quatro semanas do Advento) e um período posterior de exaltação (os dias que separam a festa da Natividade – 25 de dezembro – da Epifania – 6 de janeiro, em que se celebra a manifestação de Cristo aos gentios e, particularmente, aos magos do oriente). Em torno desses dois grandes ciclos, o da Páscoa e o do Natal, cristalizou-se pouco a pouco todo o ano litúrgico. Pode-se esquematizar o ano cristão, que começa no primeiro domingo do Advento e termina em um sábado antes do seu início, da seguinte;

Figura do ano liturgica



6.3 Ciclo do natal

Advento (preparação) – tempo de esperança e de expressar o desejo de que Cristo se manifeste na história.

Natal e Epifania (celebração) – tempo de manifestar Cristo aos outros como fizeram os pastores (Lc 2. 17-20).

6.4 Ciclo da páscoa

Quaresma (preparação) – tempo de oração, conversão, confissão, jejum, purificação.

Páscoa, Ascensão e Pentecostes (celebração) – tempo de ser testemunha da ressurreição por meio da palavra e de obras no seio da família, no trabalho e na comunidade.

6.5 Tempo comum

Períodos em que se comemorava o próprio ministério de Cristo em sua plenitude, principalmente aos domingos. Começa em 6 de janeiro e se estende até a terça-feira anterior á quarta-feira de cinzas, recomeçando na segunda-feira posterior ao domingo de Pentecostes e terminando antes do primeiro domingo do Advento. A grosso modo, nos ciclos do natal e da Páscoa celebramos o Cristo que vem nos salvar a dar vida pela humanidade, ao passo que no tempo comum procuramos celebrar nossa resposta a esse Deus de amor, que se ofereceu em sacrifício por nós.

Ressalte-se que a Igreja reformada reagiu contra a rigidez do ano litúrgico, recusando-se a guardar datas relacionadas a apóstolos, santos, mártires, profetas, arcanjos, conversão de Paulo etc., que não correspondiam às principais festas cristãs. Dessa maneira, conferiu-se maior liberdade de culto ao calendário litúrgico, com grande proveito para vida da Igreja. Afinal, o ano litúrgico só é legítimo na medida em que contribui para a celebração da história da salvação produzida por meio de Jesus Cristo, permitindo aos cristãos terem uma experiência mais plena da obra de Cristo em suas vida.

Cores litúrgicas

O livro de Oração Comum adotado pela Igreja Episcopal Carismática não especifica detalhadamente o cerimonial verificado nas Igrejas. Muito do que é feito é resultado de tradição. Por exemplo; no LOC não há referência a cores litúrgicas, que associamos com as estações do ano cristão. Essas cores servem como sinais luminosos que simbolizam alguma característica própria dos mistérios da nossa fé. No Advento e na Quaresma usa-se a **cor roxa**, que simboliza arrependimento, um tempo de penitência, a morte e o pecado de Cristo.

No Natal, na Epifania, no domingo de Páscoa e em atos litúrgicos específicos, como primeira Eucaristia, usa-se a **cor branca**, que simboliza pureza, a santidade e a perfeição de Cristo. Também representa alegria. Pode ser usada em ofícios fúnebres e casamentos. Em algumas Igrejas, **a cor dourada** é usada no domingo de Páscoa, tendo significado semelhante ao da cor branca. No domingo de Pentecostes e nas ordenações de presbíteros e diáconos, bem como sagração de bispos, usa-se a **cor vermelha**, que simboliza a vida oferecida pelo sangue de Cristo e o poder ou fogo do Espírito Santo. No tempo comum é usada a **cor verde**, que simboliza a esperança, a vida crista e a renovação que vem de

Cristo. Essas cores são utilizadas como em vestes, como a estola, tudo obedecendo às cores das estações do ano litúrgico.



7. Modulo VII - Paramentos do altar e objetos litúrgicos

A palavra Igreja, além de indicar o corpo de Cristo, ou seja, a comunidade dos fiéis, também se refere ao lugar santo (santuário ou templo) onde a Eucaristia e outros sacramentos são celebrados. O lugar é santo porque é consagrado e dedicado para o uso de Deus e seu povo, unida à divindade de Cristo, simbolizando a nossa pequenez que desaparece diante da majestade de Deus.

A Hóstia

A Hóstia A palavra "hóstia" significa vítima no latim, e aponta para o sacrifício que o próprio Cristo fez por nós e comunicou na última ceia: "Este é o meu corpo, entregue por vocês." (Lc 22:19).

Dessa forma, a hóstia, que é uma fina fatia de pão ázimo consagrado, é o corpo de Cristo que foi entregue, morto e ressurreto pelo poder de Deus, e está vivo entre nós. Misteriosamente presente no pão e vinho, Cristo é entregue como alimento ao Seu povo: "Tomai e comei, esse é o meu corpo que é dado por vós" (1Co 11:24).

A hóstia grande é usada pelo celebrante na hora da Eucaristia apenas por uma questão prática, tornando-a visível a todos na hora da elevação, após a consagração.

Figura Básica.

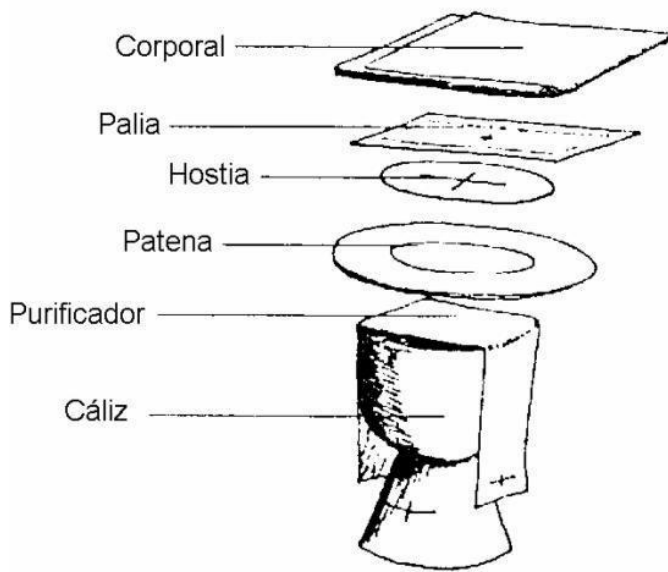


Foto Véu, Cibório, Corporal e Galheteiros.

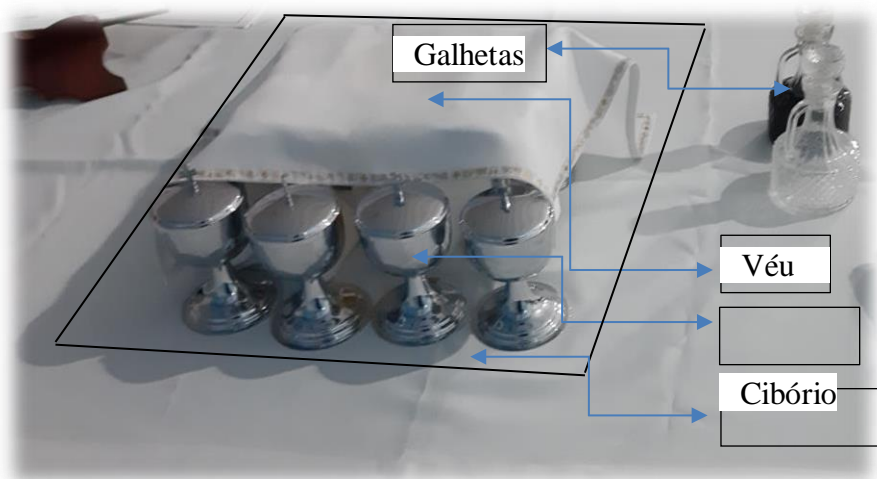
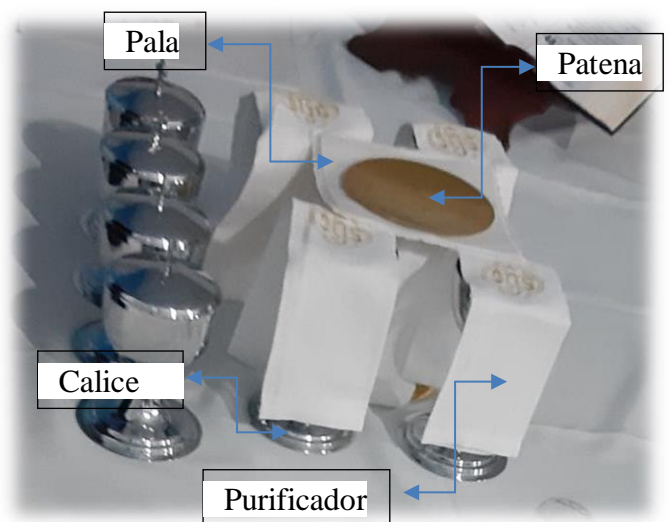


Foto: Calice, Purificador, Patena e Pala.



O ministro comissionado

Serve como ministro não ordenado (por exemplo, como evangelista e mestre). Portanto, é comissionado para uma função específica na vida da igreja.

O ministro comissionado veste alva e uma cruz peitoral de madeira.



O **acólito** são Ministros não ordenados, podendo ser homens ou mulheres, mas precisam ser batizados e confirmados como membros da igreja. O serviço deles tem como prioridade o auxílio, durante os cultos, aos Ministros Ordenados, realizando o recolhimento dos dízimos e ofertas e ainda participando da distribuição da Eucaristia. Cada um dos que participam do ministério é aprovado e instituído pelo nosso Bispo. Sempre buscando servir a Deus e à igreja com excelência e alegria, se dedicam ao conhecimento e intimidade com o verdadeiro dono e guia desta missão, o

Senhor Jesus, para que a palavra dele seja pregada a toda criatura.

Os bispo, presbíteros e diáconos, além de vestir a alva – uma batina ou túnica longa e branca (simbolizando pureza), que cobre desde o pescoço até o tornozelo – usa também uma estola (simbolizando as cargas de Jesus e o serviço), consistente em faixa que segue as cores da estação litúrgica. No caso dos bispos e presbíteros, essa faixa é colocada em volta do pescoço, caindo sobre o peito e passando dos joelhos. Com relação aos diáconos a estola é colocada sobre o ombro esquerdo, atravessa o peito e as costas, sendo fixada no lado direito da cintura.

A camisa e o colarinho Clerical

Os bispos, presbíteros e diáconos podem vestir **camisa clerical**. A camisa de cor roxa é de uso exclusivo dos bispos. A preta é normalmente usada pelos presbíteros, não devendo ser usada pelos diáconos, que a usam na cor cinza.

A camisa clerical, apesar de muito usada no Brasil por sacerdotes católicos romanos, tem origem na igreja presbiteriana, sendo usada por baixo da alva do ministro ordenado.

O **colarinho** tem um duplo significado. Traz-nos a memória a situação de um escravo antigo, que possuía um colar de metal ao redor do pescoço, demonstrando assim

que o ministro ordenado é escravo da vontade de Deus. A parte branca, no centro, simboliza a pureza da mensagem anunciada.

O uso dessas vestes por parte dos oficiais da igreja serve para representar o seu ministério entre o povo.



A Cruz Peitoral

A **cruz peitoral** é usada no meio do peito, suspensa do pescoço por uma corrente de metal. O bispo usa uma cruz dourada, o presbítero prateado e o diácono de bronze. Ela remete a importância de sua dignidade sacerdotal, que deriva da Cruz, e dos seus deveres para com o seu rebanho redimido pela Cruz, sendo o equivalente cristão ao peitoral do sumo-sacerdote judeu. Outro ponto importante sobre a cruz peitoral é de que ela está constantemente diante do sacerdote, o que serve para lembrá-lo a todo instante de Jesus Cristo, que morreu por ele no Calvário; e a fé que ele professa com seu próprio sangue.



A Casula

A **casula** é um manto grande e oval com uma abertura no centro para a cabeça, sendo utilizada na cor litúrgica do dia.

A casula é usada pelos Bispos, Patriarcas e sacerdotes. Ela é um tipo de capa, e tem sua cor de acordo com a cor do tempo litúrgico, mas com tonalidades mais vistosas e brilhantes.

É uma vestesolene, que deve ser usada em dias especiais ou festivos, mas também podem usar em dias comuns, ao menos pelo sacerdote que preside a celebração. Quando nossos bispos e presbíteros vestem a casula estão representando Jesus como sumo sacerdote, o Rei do Universo.



O Cingulo

O cingulo é mais um elemento que compõe as vestes de nosso clero. É usado por nossos ministros comissionados, diáconos, presbíteros e bispos,

sendo um cordão amarrado na altura da cintura que simboliza integridade, lembrando também das cordas que prenderam as mãos de Jesus.

Sua cor muda de acordo com as cores do tempo litúrgico, com exceção do que é usado pelos ministros (que usam apenas na cor branca). Ele nos faz lembrar que a Igreja é peregrina na terra, pois quando Israel fazia grandes peregrinações usava-se um cingulo para cingir-se de modo que ao caminhar não ficasse dolorido, assim o ato de cingir-se significa peregrinação.

O Báculo



O Báculo – bastão em forma de cajado, usado como sinal do ministério de Pastor (Pai e Juiz), curvado na extremidade, algumas vezes trazendo algum símbolo;

Mitra



Mitra – A Mitra é um barrete (que é uma espécie de chapéu) alto e cônico, ele possui uma fenda lateralmente na parte superior e tem duas faixas que caem sobre as costas. Suas duas pontas, significam o Antigo e o Novo Testamentos e também as línguas de fogo que apareceram sobre as cabeças dos apóstolos em Pentecostes.

As duas tiras ou bandeirolas posteriores (influas) representam o resplendor que emana da cabeça de Moisés com o brilho da ciência e da sabedoria do pastor e também são símbolos da água viva;

É um ornamento de honra e sinal de poder, representando um capacete de defesa e de salvação, que enfrenta os adversários da verdade.

Solidéu



O solidéu – é um pequeno gorro que se assemelha ao kipá judaico, na cor violácea, que cobre o topo da cabeça. É usado também somente pelos Bispos e Arcebispos. Seu uso é associado ao reconhecimento da superioridade divina sobre o ser humano, sendo símbolo de humildade perante o Criador e de submissão à sua vontade.

Capa de Asperge



A Capa – veste longa e circular, fixada por uma presilha na altura do pescoço. Usualmente, a capa é da mesma cor da estação litúrgica.

A Capa de Bênção ou Capa de Asperges vem da capa que era usada na igreja primitiva como uma capa de proteção, daí vem o nome asperges, pois protegia da chuva e do frio por exemplo.

Quando os padres e bispos precisavam caminhar uma longa distância para encontrar os fiéis, eles colocavam essa capa sobre eles, e como era algo usado por esses clérigos ela passou a ser um dos elementos das vestes litúrgicas.

Ela não é exclusiva dos Bispos — também pode ser usada pelos Presbíteros. E sua cor é a mesma cor do tempo litúrgico.

O anel do Bispo



Outro elemento das vestes é o **anel usado pelo Bispo**.

O simbolismo do anel é muito antigo: no Egito Antigo, por sua forma circular, era símbolo da eternidade e da fidelidade; já na Grécia e em Roma, era usado para selar documentos importantes, era sinal da dignidade de quem o portava.

No cristianismo, foi mantida esta dupla dimensão em relação ao anel. Assim, no caso do Bispo, o anel remete sua união à Igreja, à qual o bispo é chamado a ser fiel.

Pálio



O Pálio – faixa branca de lã usada por um arcebispo, que envolve o pescoço e pende para frente e para trás. Usado pelo Arcebispo.

1. Modulo VIII – Os Sacramentos

Para a CEI, os sacramentos são sinais externos e visíveis portadores de graça interna e espiritual – são elementos do nosso mundo que comunicam a realidade do mundo transcendente, espiritual.

Tradicionalmente, a Igreja tem reconhecido sete sacramentos ou ritos sacramentais: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Confissão, Unção dos Enfermos, Matrimônio e Ordem Sacramental. Um sacramento é uma cerimônia divinamente prescrita, na qual as palavras e ações se combinam para formar o que é ao mesmo tempo um sinal de graça divina e uma fonte de graça divina.

Eles são divididos entre Sacramentos Plenos e Sacramentos Menores.

Os Sacramentos Plenos são aqueles instituídos explicitamente por Jesus: o batismo e a eucaristia. O Batismo é o sacramento de iniciação por excelência, marcando a entrada do cristão na nova aliança celebrada por Deus com seu povo. Já a Santa Eucaristia é alimento espiritual, fortalecendo a fé do cristão para o desempenho de suas tarefas cotidianas e o ajudando a progredir na graça, de modo a refletir a sua condição de filho de Deus.

Os Sacramentos Menores são os que derivam do uso apostólico e são estados de vida aprovados pelas Escrituras e fundamentados nelas. São eles: Confirmação, Confissão, Unção dos Enfermos, Matrimônio e Sagradas Ordens.

Quando essa graça especial é concedida á alma, o Espírito Santo também é concedido, inundando a alma com a vida e a unindo a Cristo. Sempre que a Igreja celebra os sacramentos realiza uma liturgia.

Vamos distinguir e apresentar as características principais dos sete sacramentos:

BATISMO

No Novo Testamento, Deus celebra uma nova aliança com o seu povo alicerçada mais uma vez em sua graça, agora mediante o sacrifício vicário e salvífico de nosso Senhor Jesus Cristo. Como sacramento de iniciação ou entrada nesse novo pacto, instituiu o Senhor Jesus Cristo o batismo (Mt 28.19), que deve ser aplicado com água e em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O batismo significa ter sido uma pessoa separada para viver uma vida santa. É, em outras palavras, uma unção de santidade, um lavar regenerador do cristão pelo Espírito Santo. Observa-se, contudo, que o batismo, por si só, não tem o condão de operar salvação, pois esta é sempre dom de Deus, por meio da fé. Não consiste o batismo em rito de admissão na Igreja invisível, mas na Igrejavisível – e esta inclui salvos e não salvos.

Atente-se, ainda, para o fato de que determinados textos bíblicos, especificamente Atos 16.15, 33-34 e 1 Coríntios 1.16, permitem concluir que o batismo era aplicado também a crianças, com base na fé dos pais. Com efeito, não seria razoável admitir-se que a mensagem do Evangelho pudesse ser menos plena de graça e menos abrangente que a mensagem de salvação dada a Abraão em Gênesis 17.

Em suma, o batismo cristão substitui a circuncisão como símbolo de iniciação na Nova e Eterna Aliança estabelecida por Jesus Cristo.

CONFIRMAÇÃO

Confirmação quer dizer fortalecer. É o rito pelo qual expressamos um compromisso maduro com Cristo, ratificamos os votos do batismo e recebemos força do Espírito Santo através da oração e da imposição das mãos pelo bispo. Trata-se de um momento em que se espera que o cristão seja cheio do Espírito Santo e receba dons espirituais (At 8.14-17). Por isso, a Confirmação é o sacramento mais carismático de todos. Além disso, por meio desse sacramento, o confirmando assume o compromisso de ser um membro responsável na comunidade de fé onde congrega.

EUCARISTIA

Na Eucaristia também chamada de Santa Eucaristia, Santa comunhão e Ceia do Senhor, celebrada com o ato de comer o pão e beber o vinho, Cristo concede comunhão com Ele. Por meio dela, Deus age dando vida ao Corpo de Cristo e conferindo a cada membro desse Corpo a segurança da remissão dos pecados (Mt 26.26) e a garantia da vida eterna (Jo 6.51-58). É o sacramento que dá sentido aos demais. Por isso, a Eucaristia tornou-se o ato central dos cultos cristãos, embora atualmente a maioria das Igrejas protestantes venha negligenciando a sua importância. A participação dos cristãos nesse ato, com uma atitude correta (1 Co 11.27-29), é um testemunho de fé em Cristo e ação de graças por tudo que Ele tem feito por nós. E sempre que esse sacramento é recebido com fé, à graça de Deus o acompanha.

Esse sacramento tem três divisões principais: 1) o ofertório (preparação da Santa mesa); 2) a consagração (ações de graça sobre os elementos eucarísticos) e 3) a Comunhão (recepção dos elementos consagrados, em comunhão com o nosso Senhor e com o próximo). A Santa Eucaristia não é apenas a lembrança de um fato histórico. Não a vemos como um memorial apenas, mas como uma realidade espiritual. cremos na presença real de Cristo de maneira muito especial durante a celebração eucarística, embora não saibamos como. Trata-se de um mistério. De alguma forma experimentamos o Cristo vivo no pão e no vinho consagrados (Mt 26.26-28, 1 Co 11.23-26). Por fim, saliente-se que sem essa refeição o cristão fica privado do elemento chave da Nova e Eterna Aliança de Deus, deixando de desfrutar da totalidade das bênçãos do relacionamento com o Senhor.

CONFISSÃO

A confissão foi instituída por Jesus Cristo (Mt 16.19; 18.18 e Jo 20.22,23). Esse sacramento é uma oportunidade para receber a misericórdia de Deus através de Jesus Cristo, nosso Senhor. O pecado, como ofensa contra Deus, quebra o nosso relacionamento com Ele, que só o arrependimento e a confissão podem concertar. É pela confissão que o pecado é liberado da nossa vida, trazendo alívio e paz. Ressalte-se que os textos bíblicos acima indicados não constituem autorização sacerdotal para oferecer o perdão dos pecados, mas apenas para proclamar que os pecados foram perdoados com base e nos termos da mensagem do Evangelho, ou seja, houve absolvição.

UNÇÃO DOS ENFERMOS

Este é um sacramento de cura (Tg 5,14-15), que também santifica quem está morrendo. É aplicado por um ministro ordenado com óleo consagrado pelo bispo.

MATRIMÔNIO

Embora o casamento seja um pacto bilateral entre um homem e uma mulher, ele é um sacramento que une os dois num laço indissolúvel, perante Deus e a Igreja, mediante promessas recíprocas e uma bênção sacerdotal (Mc. 10. 6-9 e Ef 5. 22-32). A monogamia e a fidelidade conjugal são obrigações estabelecidas para todos os cristãos (Hb 13.4).

ORDEM SACRAMENTAL (ORDENAÇÃO)

É o sacramento de serviço pelo qual Deus chama algumas pessoas (bispos, presbíteros e diáconos) para serem líderes espirituais, ministrar os sacramentos e presidir sobre todas as outras atividades própria da Igreja (Bh 5.1-4). Pela ordem, a missão dada por Jesus Cristo aos seus apóstolos é continuada hoje na Igreja até que Ele venha. Os ordenados são escolhidos pela Igreja, consagrados por Cristo pelas mãos do bispo e recebem um dom especial e indelével do Espírito Santo para exercerem o seu ministério.

Referências

2. <https://www.ieab.org.br/documentos/>.
3. <https://www.catedraldatrindade.com.br/c%C3%B3pia-em-que-cremos>.
4. <https://igrejacatolicacarismatica.weebly.com/>.
5. <HTTPS://medium.com/@revapolotavora/a-igreja-episcopal-47ebac4dbac7>.
6. https://catedralstrindade.blogspot.com/?fbclid=IwAR01mjAlgv6ZbrWbk1v2_1RG9jJEyWASI5MvNOsbr0V3NdlvUfqBJ2xld3k
7. https://catedralstrindade.blogspot.com/2011/01/carismatica_1.html
8. *Manual Litúrgico Igreja Episcopal Carismática – Catedral do Calvário – Janga. Revisão 03 / 2023*
9. "Paramentos e Vestimentas: Um Manual de Arte Litúrgica" por Dom EA Roulin
10. "A Tradição Anglicana: Um Manual de Fontes" por Paul Avis
11. "O Guia Oxford para o Livro de Oração Comum: Uma Pesquisa Mundial", de Charles Hefling e Cynthia Shattuck.
12. "Vestimentas e Liturgias da Igreja Católica Romana" por John Abel Nainfa
13. "Vestimentas Anglicanas: Uma História", de Nicholas Groves.
14. "O Livro de Oração Comum: Uma Biografia", de Alan Jacobs.
15. "O Estudo da Liturgia", de Cheslyn Jones, Geoffrey Wainwright e Edward Yarnold
16. "Vestimentas para todas as estações", de Barbara Dee Bennett
17. "A História do Anglicanismo de Oxford, Volume I: Reforma e Identidade c.1520-1662" por Anthony Milton
18. "O Livro de Oração Comum: Passado, Presente e Futuro" por Prudence Dailey
19. Site oficial da Comunhão Anglicana - anglicancommunion.org
20. Site oficial da Igreja Episcopal - episcopalchurch.org
21. Site oficial da Igreja da Inglaterra - churchofengland.org
22. Anglicanos Online - anglicansonline.org
23. A Sociedade do Arcebispo Justus - Justus.anglican.org
24. A Sociedade do Livro de Oração - Prayerbook.Ca
25. A Biblioteca Anglicana - anglicanlibrary.com
26. O Dicionário de Hinnologia de Waterbury - hymnology.hymnsam.co.uk
27. Projeto Waterbury - anglicanhistory.org